



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## O TRABALHO CORPORAL EM BEBÊS

**Andrezza Franzoni Alexandre  
Jenifer Malgarin**

### RESUMO

O processo de formação de couraças começa após o nascimento. Um bebê que não é adequadamente atendido em suas necessidades e/ou desejos, pode utilizar-se de contrações musculares para contê-los e conformar-se. Se essas situações, vividas como uma ameaça, forem constantes, as couraças podem tornar-se crônicas e comprometer a saúde e formação do caráter desse ser em desenvolvimento. O trabalho corporal em bebês – através de massagem – pode ajudar a fortalecer vínculos afetivos, obter desenvolvimento psicoafetivo mais saudável, reduzir riscos de patologias, flexibilizar couraças e auxiliar no processo de formação do caráter.

**Palavras-chave:** Bebês. Couraças. Desenvolvimento psicoafetivo. Massagem.

---

No século XIX, segundo relata Montagu (1988, p. 104), “mais da metade dos bebês morriam durante o primeiro ano de vida, geralmente de uma doença chamada *marasmus*, palavra grega que significa definhar”. O mesmo autor declara que a taxa de mortalidade de bebês com menos de um ano nas diversas instituições dos EUA, na década de 20, era próxima de 100%. O que faltava a estes bebês não era o alimento ou higiene, mas o amor.

A América estava sob a influência do professor de pediatria Luther Emmett Helt que, ignorando o comportamento natural dos mamíferos,

recomendava a abolição do berço-embaladeira, que insistia em não se pegar o bebê no colo quando estivesse chorando, que ele fosse alimentado segundo o relógio, e que não deveria ser mimado com abundância de carícias, e, no caso de a amamentação natural ser a dieta escolhida, as mamadeiras não deveriam ser abandonadas. (MONTAGU, 1988, p. 105)

As mães mamíferas lambem e acariciam seus filhotes desde o seu nascimento. Essas carícias garantem a sobrevivência dos filhotes, o bom funcionamento dos sistemas geniturinário e gastrintestinal. O ser humano, enquanto mamífero, também precisa do toque, do cuidado, da estimulação cutânea para sobreviver: “em bebês recém-nascidos exerce uma influência altamente benéfica sobre seu sistema



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

imunológico, o que tem importantes conseqüências para a resistência contra doenças infecciosas e outras” (MONTAGU, 1988, p. 43).

Segundo Montagu (1988, p. 52), além do desenvolvimento físico, é provável que “a estimulação tátil seja [...] fundamental para o desenvolvimento de relacionamentos emocionais e afetivos saudáveis [...] que a pessoa aprende a amar não com instruções, mas sendo amada”. A psicologia corporal também ressalta a importância do cuidado terno e amoroso desde os primeiros dias de vida, sob pena de comprometer o desenvolvimento psicoafetivo e/ou a formação do caráter desse novo ser.

A partir do nascimento, dependendo de como é atendido em suas necessidades e/ou desejos, o bebê pode utilizar-se de contrações musculares para “reter seus desejos e conformar-se. Em cada caso, o tipo de couraça específico determinado pela situação configura o caráter específico do indivíduo no futuro” (BAKER, 1980, p. 61).

Segundo Navarro (1995), quando ocorre uma frustração no período fetal e/ou até os primeiros dez dias de vida — por causa de um parto traumatizante, falta de contato da mãe com o bebê, de cuidado, de amamentação, de maternagem ou sensação de rejeição por parte do bebê — dá-se a instalação de um núcleo psicótico. Se a frustração se der no período da amamentação — com uma interrupção brusca e/ou precoce ou quando a amamentação é feita de modo frio, sem contato visual, carinho, amor — dá-se a formação de uma caracterialidade borderline.

Por isso é tão importante garantir o contato entre a mãe e o bebê desde o nascimento. Os dois precisam um do outro e quando são separados, estão sendo impedidos de dar continuidade ao relacionamento simbiótico que é tão importante para o desenvolvimento de ambos.

Depois do parto, os dois precisam evidentemente do conforto e da tranquilidade da presença do outro. Para a mãe, tranquilizar-se é ver o seu bebê, ouvir seu primeiro choro, senti-lo próximo a seu corpo. Para o bebê, consiste no contato com o corpo da mãe e com o calor que dele emana, no apoio dos braços que o aninham, nas carícias, na estimulação cutânea por ele recebida, em sugar seu seio, as boas-vindas “ao seio da família”. (Montagu, 1988, p. 84)

O modo como a mãe toca seu bebê, com suas mãos ou seu olhar, como lhe dá banho, alimenta-o, aconchega-o em seus braços ou lhe dirige as palavras, “permite que o bebê entre em contato com as diversas partes do seu corpo e vivencie um



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

sentimento de continuidade de ser” (BERTOLDI; CURVACHO, 2008, p. 2-3). Para tranquilizar o bebê nesse universo estranho, fora do útero, é necessário e suficiente que as mãos que o tocam falem uma linguagem “visceral”. Elas devem falar, ou melhor, tocar como o útero fazia. Falar de amor, aconchego, carinho, proteção através das carícias, do tato, da massagem. O recém-nascido precisa e compreende isso muito bem (LEBOYER, 2004).

Os bebês não possuem couraças, mas diante de situações estressantes, nas quais se vêem ameaçados, começam a formá-las. A princípio, estas são flexíveis e facilmente reversíveis: “o toque suave pode reverter essa contração energética e estimular a expansão” (GIANNOTTI, 2001, p. 23). Porém, se os bebês forem submetidos constantemente a situações estressantes, as couraças podem se manter ativas, tornarem-se crônicas e impedir o livre fluxo energético e, por sua vez, comprometer a formação do caráter (BAKER, 1980).

Segundo Eva Reich (1998), a massagem em bebês constitui um importante recurso na prevenção do surgimento de couraças rígidas, bem como de distúrbios psíquicos. Combinada a uma boa experiência da gestação, do parto, da amamentação, assim como demais cuidados com o bebê —contato visual, pele a pele, colo, carinho, embalo — há uma possibilidade de, com o auxílio da massagem, se prevenir a instalação de uma base caracterial de núcleo psicótico e/ou borderline. Esta se apresenta em indivíduos que costumam ser dependentes, temer a rejeição e que tem uma tendência a depressividade. Aquela, nos que tem dificuldade de contato, de comunicação, medo de existir e demonstram uma cisão entre percepção e sensação.

O toque é principal meio de comunicação na relação do bebê com seu cuidador e possibilita uma ligação energética entre pais e filhos. Para Eva Reich (1998) o amor tem o poder de amolecer e dissolver as couraças corporais: através do toque, das carícias e massagens conseguimos flexibilizar as tensões musculares, promovendo um estado de relaxamento e prazer. O bebê, para se desenvolver bem, precisa ser olhado, tocado, aninhado no colo, acariciado, deve-se falar com ele carinhosamente, ainda quando não é possível amamentá-lo.

A pele tem um importante papel na constituição da psique do bebê. Segundo Leboyer (2004, p. 93),



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Percebe-se logo como é importante o contato, a maneira de tocar a criança. É uma linguagem pele a pele. Desta pele da qual derivam os outros órgãos dos sentidos. Que são como janelas, que são como aberturas nas paredes de pele que nos limitam e nos separam do mundo. Aberturas através das quais entramos em relação com o exterior. É por meio desta pele que a criança conhece o mundo: sua mãe. Primeiro contato com este mundo, com o desconhecido, com o outro.

Enquanto sistema sensorial, a pele é o mais importante. Como diria Montagu (1988, p. 34), “o ser humano pode passar sua vida toda cego, surdo e completamente desprovido dos sentidos do olfato e do paladar, mas não poderá sobreviver de modo algum sem as funções desempenhadas pela pele”.

Navarro (1991, p. 55) ressalta que “o fato de que a epiderme desenvolve-se embriologicamente do ectoderma, de onde também origina-se o sistema nervoso, autoriza-nos a afirmar que a pele é o nosso cérebro externo”. E Reich (1993 *apud* VOLPI, 2009) comprovou que toda a superfície do corpo é constituída de uma membrana porosa que apresenta um potencial elétrico onde, em momentos de prazer, a carga se eleva e em momentos de desprazer, diminui.

Eva Reich (1998), em suas experiências com bebês hospitalizados, constatou que os bebês prematuros abriam os olhos durante a massagem. Olhavam-na, movimentavam-se, reagiam intensamente aos toques e demonstravam que lhes fazia bem. A partir daí, conscientizou-se de que um bebê é um ser humano, que tem grau de percepção relativamente bom, sente dor e prazer, e reage a eles. O corpo reage como um todo, com expansão (no prazer) ou contração (na dor), aos estímulos externos.

O contato, primeiramente com o útero e posteriormente com as figuras humanas de referência, a partir do momento do parto, é fundamental para o desenvolvimento e sobrevivência emocional da criança (VOLPI; VOLPI, 2008, p.15). E este contato abrange todos os sentidos: olhar os olhos da mãe, ouvir sua voz e as batidas de seu coração (sons conhecidos desde a vida intra-uterina), sentir seu cheiro, seu gosto e seu calor.

Todos os sentidos, funcionando isoladamente ou em conjunto, guardam entre si o potencial para a comunicação. De acordo com Baker (1980, p. 45) “um contato completo é vital ao desenvolvimento em geral, na medida em que promove a sensação



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

de aceitação e de bem-estar, encorajando a expansão e a busca no ambiente”. A massagem infantil — a shantala, o toque da borboleta, entre outras — pode e deve ser usada de modo preventivo, já que promove integração entre cuidador e criança, relaxamento, melhor percepção corporal e desenvolvimento físico, motor, neurológico, intelectual etc. (GIANNOTTI, 2001).

A shantala é uma massagem originária do sul da Índia e é transmitida oralmente de geração em geração. Foi descoberta por Frédérick Leboyer, médico francês, que em uma de suas viagens à Calcutá, na Índia, observou em uma pequena aldeia uma mãe massageando seu bebê. Com movimentos suaves, delicados e carinhosos ficou encantado com a força dessa técnica e nomeou a sequências de movimentos com o mesmo nome da mulher que fazia a massagem: *Shantala* (BERTOLDI; CURVACHO, 2008, p. 2-3).

Segundo Leboyer (1995), após o nascimento, diante de um mundo totalmente desconhecido, o bebê fica aterrorizado. No ventre era embalado pelos movimentos da mãe, contido e aquecido pelo seu corpo, sua pele era estimulada pelo saco amniótico e pela parede do útero e seus ouvidos, além dos sons dos órgãos maternos, percebiam a voz da progenitora, muitas vezes dirigida a ele. “É preciso devolver-lhe as sensações do passado. Só elas nesse momento podem oferecer-lhe um sentimento de paz, de segurança. A pele e as costas não esqueceram.” (LEBOYER, 1995, p. 19).

Mas Leboyer (1995) adverte, que a massagem propriamente dita, não deve ser aplicada antes que o bebê tenha um mês de vida. Entretanto, ele deve ser tocado desde o nascimento: o contato com a pele da mãe, além de transmitir-lhe calor, possibilitará sentir-se amado, desejado, aceito. A princípio, o toque deve ser leve e intuitivo, como durante a fase de cortejar. Com o tempo, gradativamente, a massagem tomará forma e se aproximará da técnica escolhida.

Eva Reich também desenvolveu uma massagem para bebês, chamada toque da borboleta, que trabalha nos sete segmentos de couraça descritos por Reich — ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico — sempre no sentido céfalo-caudal, ou seja, da cabeça em direção aos pés.

Ainda que utilize um toque suave, na superfície da pele, apresenta um efeito nas camadas mais profundas dos tecidos musculares, podendo trazer à tona emoções e



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

lembranças, traumas e outros conteúdos inconscientes. De acordo com Eva Reich (1998 apud VALE; NÓBREGA, 2009, p. 9),

a intensidade do contato bioenergético é requisito para a profundidade e o sucesso da comunicação de mão dupla durante o toque suave da massagem, ou seja, uma mão permanece em contato com o bebê e a outra mão desliza, movimenta; base da confiança primordial que está sendo desenvolvida no encontro.

Gianotti (2001) apresenta alguns benefícios, constatados em sua pesquisa, relativos à aplicação do toque da borboleta. Começa ressaltando o quanto pode ser prazeroso ser massageado e que a prática da massagem possibilita o compartilhamento de energias entre quem massageia e quem é massageado. Além disso, fortalece os laços afetivos entre o bebê e seus cuidadores; proporciona o relaxamento e alívio das tensões e ansiedades; melhora a digestão evitando (ou aliviando) as cólicas; melhora a circulação, a resistência à doenças, o desenvolvimento neurológico e o aumento de peso; ajuda no crescimento e relacionamento emocional saudável; tonifica os músculos dos bebês, que ficam deitados por muito tempo; aumenta a percepção corporal do bebê; favorece a auto-imagem corporal saudável, entre muitos outros

Há diferentes técnicas de massagem que podem auxiliar no desenvolvimento emocional saudável da criança. Independente da técnica escolhida, é preciso ter alguns cuidados quanto a preparação do ambiente, do massageador e do bebê. Gianotti (2001), Eva Reich (1998) e Leboyer (1995) orientam que o adulto que vai aplicar a massagem deve estar tranquilo, relaxado, disponível e ter uma atitude afetiva para com o bebê. É de fundamental importância que se olhe nos olhos do bebê, que se converse com ele e se esteja atento as suas reações.

Leboyer (1995) sugere que a pessoa que irá realizar a massagem sente-se no chão, não em contato direto com o solo, com suas pernas esticadas, costas eretas e ombros relaxados. Coloque uma toalha sobre as pernas e sobre ela o bebê. Ressalta ainda que, é prudente colocar um impermeável por debaixo da toalha, pois o relaxamento provocado pela massagem pode fazer com que o bebê esvazie a bexiga muitas vezes.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

A massagem pode ser feita uma ou duas vezes por dia. O ambiente, além de tranquilo, livre de ruídos e interrupções, deve ser aquecido: “o bebê não deverá jamais sentir frio” (LEBOYER, 1995, p. 30). O horário após a mamada deve ser evitado. E pode-se completar a sensação de relaxamento proporcionado pela massagem, com um banho.

Porém o mais importante a ser considerado é que “a massagem nunca pode ser imposta à criança, tem que haver a sua permissão” (GIANNOTTI, 2001, p. 38). Por isso é tão importante estar atento as reações do bebê, se tiver vivenciado algum trauma em seu nascimento pode não gostar de ser tocado em alguma(s) parte(s) do seu corpo. É preciso respeitá-lo e introduzir o toque aos poucos, com cuidado, carinho e suavidade.

De acordo com a literatura citada, a prática da massagem em bebês deve iniciar-se por volta de um mês de vida, mas não há data definida para encerrá-la. A recomendação é que dure pelo menos até o quarto mês, podendo se estender até a vida adulta, quando o caráter já está formado. Assim como nas primeiras etapas do desenvolvimento psicoafetivo, a massagem suave também ajuda a flexibilizar as couraças nas etapas posteriores.

Entretanto,

Se sabemos como essas doenças aparecem, devemos tentar evitá-las (...) Sabendo que as crianças, por natureza, não são encorajadas, e que os adultos transmitem às crianças suas próprias couraças, por meio do tratamento que lhes dispensam, deveríamos oferecer um trabalho preventivo. (REICH, 1998, p. 28)

Considerando o que se sabe sobre as etapas do desenvolvimento psicoafetivo, sobre as conseqüências das frustrações vividas durante essas etapas, o modo como se instalam as couraças, como se forma o caráter deveria-se concentrar forças no trabalho com preventivo. “Todo psicólogo/terapeuta deveria conhecer a prevenção e trabalhar por ela. [...] tem pouco sentido querer restringir-se a curar doenças em adultos” (REICH, 1998, p. 28).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## REFERÊNCIAS

BAKER, E. F. **O labirinto humano**: causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

BERTOLDI, M. E.; CURVACHO, D. Shantala como facilitador de holding do laço mãe-bebê: o início do amor. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: 03/05/2010.

GIANOTTI, M. A. A. **O toque da borboleta**: massagem para bebês e crianças. 4 ed. atual. ampl. São Paulo: Loyola, 2001.

LEBOYER, F. **Shantala**: massagem para bebês — uma arte tradicional. São Paulo: Ground, 1995.

\_\_\_\_\_. **Nascer sorrindo**. 2ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MONTAGU, A. **Tocar**: o Significado Humano da Pele. São Paulo: Summus, 1988.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica das biopatias**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

\_\_\_\_\_. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

REICH, E. **Energia vital pela bioenergética suave**. São Paulo: Summus, 1998.

VALE, A.; NÓBREGA, C. M. F. A Massagem como arte do cuidar: um caminho para o encontro afetivo reparador. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: 03/05/2010.

VOLPI, J. H. **Uma visão reichiana dos fatores psicológicos que afetam a pele**. Artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2009.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. 2ª ed. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

---

**Andrezza Franzoni Alexandre/SC** - é psicóloga (CRP-12/09020), graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Aluna do curso de Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba/PR. Licenciada em Letras (UFSC).  
**E-mail:** [andrezza.psy@gmail.com](mailto:andrezza.psy@gmail.com)



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALEXANDRE, Andrezza Franzoni; MALGARIN, Jenifer. O trabalho corporal em bebês. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 15º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

**Jenifer Malgarin/SC** - é psicóloga (CRP-12/09231), graduada pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Aluna do curso de Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba/PR.

**E-mail:** [jenifermalgarin@gmail.com](mailto:jenifermalgarin@gmail.com)